

SONHO DE D. MANUEL. Episódio de natureza alegórica situado entre as estâncias 67 e 75 do Canto IV d' *Os Lusíadas*, o sonho profético de D. Manuel ocorre no momento em que Vasco da Gama prossegue a sua narração da História de Portugal ao rei de Melinde, detendo-se na 2.^a dinastia, então reinante. Depois de dar conta dos problemas de sucessão subsequentes à morte de D. Fernando, de descrever a Batalha de Aljubarrota e a subida ao trono de D. João, mestre de Avis, de enumerar as diligências feitas no reinado de D. João II para descobrir o caminho marítimo para a Índia, neste ponto são narrados os sucessos que o «claro Céu» (*Os Lusíadas*, IV.66.1) destinara a serem alcançados por D. Manuel. A técnica narrativa mobilizada para a consecução deste objectivo consiste no recurso ao artifício do sonho, procedimento com larga tradição confirmada na história da literatura ocidental.

O sonho, enquanto processo psicofisiológico que ocorre durante o sono e no qual sequências de imagens e de vivências se articulam numa estrutura de associações figurativas, remete para a capacidade humana de criar realidades mentais a partir da imaginação e da fantasia. Serve-se assim de uma linguagem simbólica em que imagens concretas e presentes remetem para outras imagens abstratas e ausentes, não sendo possível estabelecer entre elas uma relação direta. Como tal, a linguagem dos sonhos apresenta afinidades com o processo de construção da alegoria, tomando-se esta como um recurso retórico-discursivo através do qual uma realidade é representada para dar ideia de uma outra que, simultaneamente, evoca e dissimula.

Concretamente, no episódio em causa, o poeta introduz no discurso a figura de «Dous homens, que mui velhos pareciam / De aspecto, inda que agreste, venerando» (*Os Lusíadas*, IV.71.3-4), que representam os rios Indo e Ganges, e que, no sonho, se dirigem a D. Manuel manifestando-lhe o desejo de que as terras que



O Sonho de D. Manuel, desenho de Alexandre Fragonard, edição d'*Os Lusíadas* do Morgado de Mateus

banham venham a ser conquistadas pelo povo luso. Ao vaticinar que «grande parte do mundo está guardada» aos «reinos e coroa» (*Os Lusíadas*, IV.73.3-4) do monarca português e que eles próprios, rios «[...] cuja fama tanto voa, / Cujá cerviz bem nunca foi domada» (*Os Lusíadas*, IV.73.5-6), prestarão vassalagem a el-rei D. Manuel, a intervenção do rio Ganges adquire uma dimensão profética já que o que se antecipa, através da alegoria, é a «posse do mundo» que as descobertas marítimas feitas durante o reinado do Venturoso tomaram possível.

Assim, este sonho pode ser interpretado como uma forma de revelar os desejos e as ambições humanas, ao mesmo tempo que apresenta a empresa marítima acometida pelos portugueses como algo de sagrado, ao associá-la à noção de predestinação divina: «Parece que guardava o claro Céu / A Manuel e seus merecimentos / Esta empresa tão árdua, que o moveu / A subidos e ilustres movimentos» (*Os Lusíadas*, IV.66.1-4).

Manuel de Faria e Sousa, no extenso e pormenorizado comentário que faz ao episódio, identifica elementos de uma rede intertextual que serve de suporte ao texto camoniano. Dela fazem parte autores como Homero, Dante, Petrarca,

Ariosto ou Tasso: na obra de todos eles encontra Faria e Sousa elementos comuns a este passo da epopeia. Porém, a fonte principal apontada pelo grande comentarista do século XVII é o «sonho de Eneias», criado por Virgílio no Livro VIII da *Eneida*, sonho em que o rio Tibre aparece a Eneias durante o sono, antecipando as grandes realizações que este protagonizará e que conduzirão à fundação de Roma. Pese embora a influência reconhecida, não deixa Faria e Sousa de comentar que «aviendo el Poeta imitado en este sueño el de Eneas, quando le apareció el Tibre al princip. del lib.8, se queda superior con grã distancia: juzguelo quien lo sepa juzgar» (SOUSA 1972, p. 368).

BIBL.: SOUSA, Manuel Faria e, *Lusíadas de Luis de Camões*, Lisboa, IN-CM, 1972.

Micaela Ramon